

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Diário de Notícias*

Class.: *Diritos Indígenas*

Data: *22 de janeiro de 1984*

Pg.: *DINR 0057*

Aos poucos nossas reservas indígenas são exterminadas

(SEGUNDA DE UMA SÉRIE)

As frentes pioneiras, a abertura de estradas, o desenvolvimento brasileiro usado para acobertar o que sempre foi feito em benefício da ganância de poucos, os grandes latifundiários e as multinacionais, são algumas das atrocidades cometidas contra os índios pelos civilizados brasileiros. Felizmente, os indígenas brasileiros, com sua perseverança e resistência vêm fugindo e lutando, apesar dos poucos resultados obtidos. No Brasil, nem mesmo as reservas a eles destinadas têm sido respeitadas pelo próprio governo. O Parque Nacional do Xingu, o único que realmente poderia ser assim chamado, foi cortado em 8 mil kms pela BR-080. O Parque, criado em 1961, através do decreto do presidente Jânio Quadros, no meio do milagre brasileiro, em 1971, foi totalmente ameaçado. Não houve como impedir que o regime militar iniciado em 1964 instituisse mais uma vez, e de forma legal, o extermínio dos aproximadamente 100 mil índios que ali viviam.

Um trabalho plantado e cuidado com tamanho humanismo pelos irmãos Villas Boas começa assim a se desintegrar pelas mãos dos que mais deveriam por ele zelar. O governo deveria se orgulhar da obra de tão grande importância, no entanto faz o contrário. O problema histórico da sobrevivência indígena no Brasil é desconhecido e permite que homens responsáveis pelo destino de todos os brasileiros assim se comportem.

Apoena Meirelles, sertanista e ligado à causa do índio, diz que "não defendemos o índio contra o colono. O que realmente defendemos é uma política honesta e humana para um e outro, e a imediata definição de uma política agrária que não acabe por jogar oprimidos contra oprimidos, enquanto grandes grupos ficam de fora indiferentes".

As poucas reservas indígenas brasileiras têm sido ameaçadas e solapadas. Os métodos usados envolvem sentimentos difíceis de serem analisados. Antigamente, a coisa se fazia na base do tiro e matança mesmo. Hoje, empurram posseiros famintos, com famílias numerosas dizendo a eles que as terras que deverão ocupar são devolutas e pertencem ao governo. Por esta terra que lhes é a única esperança lutam, geram os conflitos e pedem a intervenção governamental que já está a par de tudo, no entanto, faz o "joguinho" de deixar que o tempo ou as próprias matanças deem a solução.

José Porfírio Neto, pesquisador e também atuante junto ao problema do índio, enfocando mais diretamente este modelo para a ocupação de áreas demarcadas oficialmente como reserva indígena, fala de um problema ocorrido em 1979, no Rio Grande do Sul. Por esta época, fazendo parte da OPAN

— Operação Anchieta — estava lá quando estourou o conflito dos índios kaingang contra os posseiros. O desenrolar do problema já vinha de muito tempo, apesar das denúncias feitas junto à Funai que nada tinha feito de concreto em defesa do território destinado aos kaingang. Ocorria que os grandes latifundiários do sul, inclusive prefeitos da região foram adquirindo terras de vários pequenos posseiros e sitiantes e estes as vendiam por problemas que eram criados pelos próprios compradores, que lhes ofereciam terras do governo para viverem. Que terras eram estas? Não eram outras senão as da reserva. No início, os índios aceitaram a convivência com os posseiros, mas chegou ao ponto de 1.500 famílias lá se radicarem, o que daria um total aproximado de 10 mil brancos dentro da reserva e destruindo suas matas, fâma enfim, toda a infra-estrutura dos kaingang. Os índios exigem a saída dos posseiros que não acreditam em sua reação. Daí muitas desavenças. Índios belicamente inferiores, uma vez que não podem por lei, possuir armas de fogo por serem relativamente incapazes", formam verdadeiros exércitos com grupos de não menos de 500 indivíduos e cercam as casas dos invasores onde passam a noite gritando, imitando bichos aterrorizando-os, o que os levava em 2 a 3 dias a se retirarem apavorados, perdendo criação, gado e plantações nas mãos dos donos da terra, os kaingang.

REVOLTA

A primeira atitude tomada pelos índios foi a queima da escola mantida pela Funai, numa contestação ao caráter aculturador da mesma. Queriam se reafirmar etnicamente e dar um basta à indiferença com que eram tratados seus problemas. Queimaram fazendas e casas de posseiros. As lutas duraram uma semana. Neste meio tempo os colonos brancos esperaram a cooperação dos políticos e latifundiários da região que os levaram para lá; ela veio com a chegada de soldados da 3ª Região Militar do Exército. Chegaram com equipamento de choque gerando as mais graves tensões; só aí então, a Funai encara a responsabilidade que tem em suas mãos. Se não impedisse a intervenção militar, estaria compactuando com a mais triste matança de índios da região. A Funai exigiu a retirada dos posseiros, levados para o Parque de Exposições de Porto Alegre. O cacique Nelson Xangrê, que liderou as lutas, por pressões da Funai, dos latifundiários e políticos, abandonou a aldeia e supõe-se que esteja vivendo em Santa Catarina. Os posseiros viraram bóias-fria. Foi feito um filme sobre o fato, "Terra de Índio" de Zelito Viana e Darcy Ribeiro.



A miséria do índio é algo de desumano

Somos culpados pela miséria do índio Marechal Rondon e os irmãos Villas Boas

"Ninguém sai impunemente de uma aldeia indígena", assim Neander de Oliveira César mostra quem são culpados pelos problemas que hoje o índio brasileiro enfrenta. Neander, jornalista, professor de sociologia rural, diz isto mais especificamente em relação aos Maxacalis, índios com os quais permaneceu algum tempo e aprendeu a respeitar, "mesmo destruídos como estão". Acrescenta que "a imagem mais triste que pode ter de um índio é a de um índio bebado". Explica que a cachaca é o "índio é a de", mas atua também como um fator para suportar a dura realidade de seu dia-a-dia. A sujeição de toda uma tribo e sua cultura é horrível. O índio em geral é parte da natureza, está integrado nela como qualquer animal, é um pouco rio, um pouco mata, um pouco pássaro, por fim, uma parte integrante do todo. A medida que o branco vai destruindo tudo ao qual está ligado, não existe mais coesão nem unidade que resista, ainda mais quando ameaçado e morto da forma como foram todas as nações indígenas do País.

Neander fala da colonização do norte de Minas, da atuação de Teófilo Otoni. Cita o livro "Pioneiros de Águas Formosas" escrito por Pêrides Ribeiro dos Santos, onde esta história é parcialmente contada. Teófilo Otoni, num sonho meigo bandeirante, quer ligar Minas ao mar. Em 1847, funda a Companhia de Comércio e Navegação do Rio Mucuri, com o objetivo de colonizar o Vale do Mucuri. Tinha planos, que foram realizados, de ligar cidades com estradas de mais de 300 Km numa região onde viviam os Botocudos. Em 1859, já tinha fundado Filadélfia e lá viviam 5 mil pessoas. Hoje, esta cidade é conhecida por Teófilo Otoni.

Os Botocudos viviam nas matas das bacias dos rios Doce, Mucuri e Jequitinhonha. Os Tapuias viviam no litoral do País. Fugindo dos Tupis no início da colonização brasileira, vieram para o Norte de Minas e Sul da Bahia. Com a entrada dos portugueses, voltaram a disputar com os Tupis, "índios dos padres", a posse da região. Os Tapuias se subdividiram em várias tribos: maxacalis, malalis, botocudos e pataxós.

A primeira tração feita aos maxacalis pelos brancos foi ano de 1730, quando a bandeira, liderada por João da Silva Guimarães, conquistou-lhes a confiança, fez-lhes prisioneiros e tentou vendê-los como escravos.

Os botocudos eram inimigos tanto dos malalis quanto dos pataxós e maxacalis. Existiam ainda os nacknenuks e poijichás que perseguiram incansavelmente os maxacalis.

De 1811 até 1813, foram criados 4 quartéis na região do Jequitinhonha. A história diz que a função dos mesmos eram apaziguar os índios e favorecer a fixação dos colonos na região. A Igreja comparece com o antigo sistema de aldeamento, desenvolvido junto às povoações de colonos. Este sistema foi ao chão devido à cultura dos nativos que rejeitavam este tipo de vida, também em consequência da escassez de recursos oficiais para a manutenção dos aldeamentos, hostilidades dos brancos e populações locais, transmissão de doenças como a tuberculose, a sífilis, o sarampo e a varíola. Quanto a esta última, os maxacalis mais idosos contam que receberam, na povoação de Felizburgo, várias roupas contaminadas por varíola, previamente preparadas, o que quase dizimou toda a tribo. Agora estas formas de extermínio e maus tratos, vicariam-lhes na cachaca. Acrescenta-se ainda que o processo de direção dos aldeamentos incluía punições como palmatória e castigos físicos.

Todos os índios, botocudos, malalis, nacknenuks, poijichás, acabaram. Sumiram e não mais se ouviu falar deles. Será que acabaram como povo e nação integrando-se com os brancos? Se assim o foi, a história não registra. Não teriam sido exterminados? Neander diz que, em Itambacuri, orelha de índio valia 20 réis.

Um cacique maxacali, de nome Ariary, rejeitou os tratamentos recebidos no aldeamento e fugiu com sua tribo. Foram posteriormente de novo aldeados por frei Domingos Casali, por volta de 1860. No entanto, Ariary continuou com a maioria da tribo a fugir e viver nas matas. Caçados todo o tempo, principalmente por soldados da atual cidade de Almenara, reconheceram que na bacia do Jequitinhonha não podiam mais viver. Fugiram e fizeram por fim a fixação que hoje está prestes a acabar. Muitas doenças encontraram nesta procura. Hoje subsistem ante a exploração dos latifundiários locais, nas aldeias de Pradinho e Água Boa.

Um povo constantemente ameaçado vai perdendo sua unidade. Somente em 1940, o Serviço de Proteção ao Índio toma conhecimento de sua existência. Suas terras são demarcadas, porém, pouco a pouco são roubadas e invadidas.

Neander lembra que Água Boa e Pradinho estão separadas por 7 Km e que esta área está infestada de grileiros e posseiros empurrados e manipulados por grandes fazendeiros locais para a invasão de terras. As reações indígenas são desarticuladas e bem usadas pelos grandes da região.

A riqueza cultural maxacali está quase morta. Os processos a que foram submetidos provocaram isto de forma inteligente. Neander diz que a língua deste povo é única no mundo. Acrescenta que os índios não aceitam que sejam apresentados como um povo sem dignidade.

Instalando mais uma forma de desrespeito cultural, há anos atrás, foi instituído um processo de militarização dos índios brasileiros. A Guarda Nacional Indígena fracassou. A ideologia aplicada foi mais uma amargura na vida desta tribo que sobrevive há mais de dois séculos evitando uma guerra que não poderá vencer. O autor de "Pioneiros de Águas Formosas" diz que "tinham conhecimento de um regular rebanho de bovinos que foi criminosamente desviado alguns anos mais tarde, por funcionários inescrupulosos".

A verdade é que os maxacalis estão na maior miséria, às vezes assaltando fazendas, roubando gado, outras vezes bebados e perdidos, brigando entre si. Enquanto isto, permanece a antipolítica do índio no Brasil. A quem interessa seu fim? Usa-se contra eles o argumento de que não trabalham, são bebados e vagabundos. No entanto, hoje, são grandes fazendeiros em Águas Formosas e Bertópolis, municípios que circundam as aldeias.

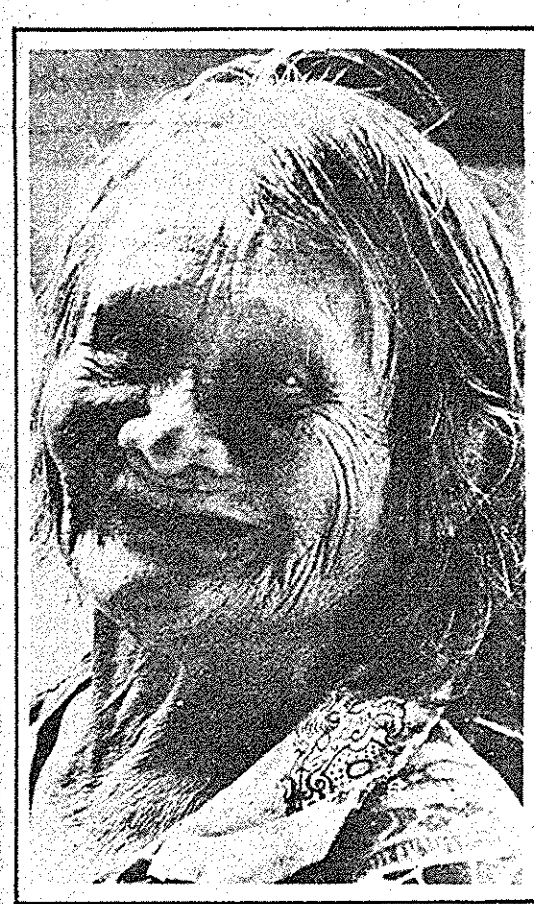
Rondon criou o Serviço de Proteção ao Índio em 1910. "Morrer se preciso, matar nunca", afirmava ele ser esta uma questão de honra nacional. Era preciso fazer do índio um índio melhor, e nunca exterminá-lo. Para os irmãos Villas Boas, "o que está em jogo não são mais os valores culturais, e sim sua sobrevivência física". O jornalista Edilson Martins relata que em 1966, 68 índios caiabi que habitavam o Sul do Pará, escravizados e amedrontados por seringalistas, resolveram fugir ajudados pelos Villas Boas que, com eles, viajaram 60 dias até o Parque Nacional do Xingu. Prepori, o cacique, contou-lhe: "Caiabi estava cada vez mais triste, mais dominado. Então veio Orlando e Cláudio e falou: reúne teu povo e vamos fugir. Fugir sim. A gente tinha dono. Seringueiro, gatoreiro. Caiabi trabalhava na seringa. Não recebia dinheiro, apenas bebida. Quando índio bebia, usavam mulher, filha de índio. Índio depois acordava triste, sabendo de tudo e fazendo que não sabia. Já estava desmoralizado, desunido. Quem resistia, morria. Diziam que índio devia a eles. Não podia viajar; só se pagasse a dívida. Índio nunca pagaria. Não sabe fazer conta". Por fim, fugiram, debaixo de forte tensão e medo. Parte da tribo teve medo de tentar a fuga e continua escravizada.

O acreano e antropólogo, Terri Valle de Aquino, declarou recentemente em entrevista ao mesmo jornalista, que no seu Estado a situação não está nada boa para os índios. A própria Funai, quando em 1975, ao demarcar as áreas de reservas, foi completamente irresponsável. "O pessoal da Funai não conhecia a região, mas tinha pressa em retornar e ganhar sua grana. Todos uns burocratas". Conclusão: serviço imperfeito.

Terri fala que a história dos índios no Acre é dividida em antes e depois das correrias. No tempo delas, foram praticados os maiores genocídios e duraram até 1913, devido à intervenção do SPI. Associa o ciclo da borracha à escravização do índio. Levas de nordestinos miseráveis atraídos para o norte brasileiro, seduzidos pelo enriquecimento rápido. O índio reagiu à invasão de suas terras justificando assim (para os interessados) as correrias. Fazia-se o cerco de uma aldeia de madrugada e ao amanhecer acabavam com todos. O índio termina por aceitar a escravidão. É ele quem descobre as seringueiras, quem ensina os seringueiros a sobreviverem na selva e, além disto, desenvolvem a agricultura. Eram transformados em caboclos porque, assim, já não teriam quaisquer direitos como índios.

De 1974 para cá, inicia-se uma nova fase nos projetos do norte: são os agro-pecuários. Os índios são utilizados para criar as pastagens, abrir campos para rebanhos nas selvas e também como caçadores. Lá estão atuando os grupos Atalla, Copersucar, Café Cacique, Café Pelé, Boa Vista e Bamerindus. Um detalhe importante é que estamos falando somente do Acre, mas grandes latifundiários estão atuando por todo o País, num processo mais moderno de acabar com os índios que é o de jogar levas de bóias-frias para estas áreas. Posseiros oprimidos, contra índios oprimidos, em benefício de...

Sessenta e cinco por cento das terras agricultáveis brasileiras estão nas mãos de latifundiários e multinacionais, e uma das razões pelas quais todo índio mostra uma fisionomia sofrida, sempre em fuga, à procura de terras.



A fisionomia sofrida desta índia conta toda a sua história.



Os Botocudos desapareceram.